

A execução e a composição melódicas como estratégias para facilitar o ditado melódico: dois experimentos*

FERNANDO LIMA**, CAROLINE CAREGNATO***

Resumo

É comum a prática de ditados melódicos em disciplinas de Percepção Musical e, associada a ela, também o emprego de estratégias, por parte de estudantes e professores, que visam favorecer a realização desse tipo de atividade. Este estudo investiga duas estratégias que podem ser usadas nesse contexto: a composição e a execução. Os objetivos deste trabalho são investigar a influência da composição e da execução musical, realizadas anteriormente a um conjunto de ditados, sobre os resultados destes últimos; e discutir a abordagem dessas estratégias no ensino de Percepção Musical. Foram efetuados dois estudos quase-experimentais, durante a pandemia de Covid-19, envolvendo um pré e um pós-teste aplicados online e formados por ditados melódicos. Entre eles, os participantes do primeiro experimento (N = 25) fizeram uma atividade de composição e, do segundo (N = 44), uma de execução musical. Os resultados destes estudos mostraram que a composição e a execução musical não desempenharam papel significativo sobre a performance em ditado melódico. Explicações para isso podem ser encontradas em limitações dos instrumentos de pesquisa online usados. Contudo, acreditamos que as estratégias aqui investigadas podem ser utilizadas não como simples “fórmulas para o sucesso”, mas como ferramentas pedagógicas a serem empregadas a longo prazo para o desenvolvimento da percepção. É possível que estudos futuros, realizados em melhores condições, observem os efeitos positivos da composição e da execução musical

Palavras-chave: ditado melódico, estratégias de escrita, composição melódica, execução melódica

Melodic composition and performance as strategies to ease melodic dictation: two experiments

Abstract

Melodic dictations are usually practiced in Ear Training classes and, associated with them, some strategies are employed by students and instructors in order to favor these types of activities. This study investigates two strategies that can be used in this context: composition and performance. The aims of this work are to investigate the influence of composition and musical performance, accomplished prior to a set of dictations, on the results of the latter; and to discuss the use of these strategies in Ear Training teaching. Two quasi-experimental studies were carried out, during the Covid-19 pandemic, involving a pre and a post-test applied online and formed by melodic dictations. Between them, the participants of the first experiment (N = 25) performed a compositional activity and, in the second (N = 44), they performed music. The results of these studies showed that composition and musical performance did not play a significant role on performance in melodic dictation. Explanations for this can be found in limitations of the online research instruments employed. However, we believe that the strategies investigated here can be used not as simple “formulas for success”, but as pedagogical tools to be used in the long term for the development of perception. It is possible that future studies, carried out under better conditions, could observe the positive effects of musical composition and performance.

Keywords: melodic dictation, writing strategies, melodic composition, melodic performance

* Artigo aprovado pelo pelo comitê científico do XV Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais - SIMCAM 15, em maio de 2021, e apresentado no evento.

** Escola Superior de Artes e Turismo, Universidade do Estado do Amazonas, Brasil
E-mail: fernando.gabrielbl@gmail.com

*** Escola Superior de Artes e Turismo, Universidade do Estado do Amazonas, Brasil
E-mail: ccaregnato@uea.edu.br

Introdução

Na disciplina de Percepção Musical os ditados melódicos figuram entre as atividades mais praticadas em função das suas contribuições para a profissionalização do musicista (White, 2002). Para realizar um ditado, o estudante deve coordenar habilidades perceptivas e cognitivas (Covington & Lord, 1994), sendo comum que ele lance mão de estratégias durante a audição e/ou escrita desse tipo de exercício. Essas estratégias geralmente são adotadas espontaneamente pelos estudantes ou sugeridas pelos professores. Nem todas elas, entretanto, promovem uma melhoria no desempenho dos sujeitos.

Estratégias de escrita do ditado musical usadas por estudantes e propostas por pedagogos

Algumas estratégias de resolução de ditados são adotadas de forma muitas vezes inconsciente, mas sistemática, pelos alunos. Caregnato (2016), por exemplo, em um estudo de recorte transversal feito com nove estudantes e músicos profissionais, observou que pessoas em fase inicial de desenvolvimento musical empregam apoios concretos, como o canto ou a simulação da execução de um instrumento, durante a realização de transcrições. Sujeitos em estágio final, por sua vez, empregam a testagem mental de suas transcrições. Algo semelhante foi observado por Buonviri (2014), que investigou as estratégias de escrita usadas por seis alunos de alto desempenho em ditado melódico. Através de entrevista direta, ele encontrou estratégias que podem ser encaixadas em três “temas”: (1) o direcionamento de atenção, por parte do estudante, para aspectos específicos como contorno e padrões rítmicos ou melódicos, ignorando outras informações; (2) a priorização de tarefas, com os estudantes começando geralmente pelo aspecto que consideram mais trabalhoso, trocando de prioridade ao longo do ditado, caso necessário; (3) o uso coordenado de diferentes habilidades de resolução de problemas, como escrever cabeças de notas rapidamente enquanto a melodia é tocada, marcar notas em pontos estratégicos para servirem como referência, ou usar o canto interno para comparar o que foi escrito e o que foi tocado.

O uso de técnicas que facilitem a escrita musical, entretanto, também pode ser proposto pelos professores. Entrevistando doze instrutores de cursos preparatórios para a universidade, nos Estados Unidos, Paney e Buonviri (2014) identificaram estratégias relacionadas: (1) ao reconhecimento auditivo de padrões rítmicos ou melódicos, ao invés de observar notas isoladas; (2) ao enfoque da atenção em aspectos abrangentes da música em vez de porções pequenas de informação musical; (3) ao reconhecimento de graus da escala; (4) à escrita de notas em pontos estratégicos do trecho, possibilitando a notação não apenas do começo ao fim do ditado, mas a partir de pontos centrais da música. Em outro estudo similar, os mesmos autores (Paney; Buonviri, 2017) pesquisaram, por meio de um questionário, estratégias de escrita ensinadas por 270 professores de nível superior em universidades nos Estados Unidos. A maior parte desses docentes afirmou orientar (1) o direcionamento da atenção dos estudantes a aspectos “macro” da melodia, (2) a escuta antes da escrita e (3) o esboço primeiramente dos ritmos.

Alguns pedagogos da Percepção Musical, entretanto, contestam estratégias adotadas pelos estudantes ou sugeridas por professores como, por exemplo, a observação apenas de alturas ou de ritmos durante a realização do ditado. Segundo Rogers (2004), o estudante deve conceber a obra musical como um discurso coeso, reconhecendo padrões com sentido lógico e suas relações. Nesse sentido, é mais interessante que o aluno reconheça padrões rítmicos, contornos melódicos, frases e outros elementos abrangentes, do que transcreva notas ou intervalos sem reconhecê-los dentro de seu contexto e entender seu significado. Bernardes (2001) faz uma defesa semelhante à de Rogers (2004). Para ela, o ensino tradicional de Percepção Musical não pensa a música como “uma totalidade, algo vivo, fonte de conhecimento” (Bernardes, 2001, p. 74), e exercícios musicais descontextualizados, separados da realidade musical, não propiciam o aprendizado ou o fazer orgânico da música. Nessa mesma linha, Covington e Lord (1994) argumentam que a disciplina de Percepção Musical apresenta ao menos três grandes problemas: a discrepância entre o ensino que é fornecido e o que os estudantes farão em sua vida profissional; o foco excessivo em alturas e durações com consequente exclusão de outros aspectos como dinâmica, articulação, timbre, registro e textura, nos quais a música se apoia fortemente; e a dificuldade de conectar diretamente o conteúdo da disciplina com o restante do currículo musical, particularmente com relação à performance solo e em grupo.

Pedagogos como Bernardes (2001) e Covington e Lord (1994) parecem defender, em síntese, a necessidade de uma aproximação maior entre a aula de Percepção Musical e práticas como a execução e a composição musical, frequentemente trabalhadas apenas fora dessa disciplina. A partir do que eles defendem, parece legítimo pensarmos que essas atividades teriam um efeito positivo sobre o desempenho dos estudantes em atividades de Percepção Musical como o ditado, por exemplo. Essa crença é respaldada por um estudo de Rogers (2013) que procurou identificar correlações entre quatro competências musicais: ditado, solfejo, performance e composição. A autora analisou os desempenhos em provas certificatórias de 1.478 estudantes de música, em nível de ensino médio da Austrália, e observou que os melhores estudantes em uma das quatro competências também eram os melhores em alguma das outras três. Portanto, parece possível acreditarmos que um bom desempenho em performance e composição pode ao menos estar associado ao sucesso em ditados.

A efetividade de estratégias para resolução de ditados

Para além de serem criticadas por pedagogos da Percepção Musical, algumas estratégias associadas à resolução de ditados foram testadas de forma experimental, para que fosse observado o quanto elas poderiam contribuir para a escrita dos participantes. Buonviri (2017), por exemplo, observou que algumas estratégias não simbolizam necessariamente uma contribuição para o desempenho do estudante que as utiliza, embora também não possam ser consideradas como um obstáculo. Em um estudo experimental conduzido por ele, 24 universitários realizaram quatro ditados em três condições: escrita durante a escuta do ditado, escrita apenas após a escuta e realização do

ditado de modo escolhido pelo participante. Nenhuma das estratégias se demonstrou mais eficiente que a outra, pois os sujeitos pontuaram de forma similar.

Resultados menos favoráveis que esses, entretanto, também foram encontrados por pesquisadores como Beckett (1997), por exemplo, que observou se os melhores desempenhos em ditado seriam encontrados se o estudante prestasse atenção primeiro no ritmo e depois nas alturas, ou vice-versa. A autora trabalhou com 60 universitários divididos em três condições experimentais: começando pela escrita do ritmo, começando pela escrita das alturas, e sem direcionamento de atenção do participante (condição de controle). Segundo a autora, escrever ritmos primeiro aumentou a pontuação em ritmos, no ditado, mas escrever alturas primeiro não teve o mesmo efeito sobre a pontuação em alturas. O direcionamento da atenção do estudante também foi estudado por Paney (2016), que pediu a 70 universitários, divididos em dois grupos, que resolvessem ditados sem instrução prévia ou que fizessem algumas atividades específicas durante a tarefa: observar o ritmo e características abrangentes (“macro”) da melodia, cantar algumas das notas iniciais e finais da melodia, responder perguntas sobre métrica, cantar a tônica, identificar o modo, e cantar algumas das primeiras e últimas notas da melodia. O autor afirma que os participantes que foram instruídos sobre o que deveriam ouvir pontuaram significativamente menos que os que trabalharam sem instruções.

62

As estratégias para resolução de ditados propostas por Beckett (1997) e Paney (2016) parecem pouco efetivas possivelmente porque elas distanciam os estudantes de suas próprias abordagens ou, em outras palavras, do modo como eles se relacionam espontaneamente com a música. Uma conclusão parecida foi atingida por Buonviri (2015), que investigou se o canto de um padrão melódico anterior ao ditado ajudaria o estudante a se contextualizar na métrica e tonalidade do mesmo, aumentando sua pontuação. Observando 49 universitários divididos em dois grupos, o autor observou que o canto prejudicou o desempenho dos participantes por ser uma tarefa extra que retirou sua atenção da tarefa principal, que era ouvir e escrever a melodia. Participantes que não cantaram pontuaram significativamente mais. Em uma terceira investigação, esse mesmo autor (Buonviri, 2019) encontrou resultados semelhantes, desta vez observando 44 universitários que realizaram ditados melódicos sob três condições: em silêncio, podendo emitir sons durante a escrita, e sendo instruídos a cantar antes de escrever. Segundo o autor, não houve diferenças significativas entre o desempenho dos participantes nas condições 1 e 2, mas as pontuações foram piores na condição 3. Isso reforça que solicitar atividades não espontâneas aos sujeitos pode prejudicar sua atenção durante o exercício.

Em síntese, parece possível afirmarmos que, apesar de existirem sugestões de que a composição e a execução musical, por exemplo, poderiam favorecer o desempenho dos sujeitos na realização de ditados (Bernardes, 2001; Covington & Lord, 1994; Rogers, 2013), uma investigação mais aprofundada sobre esse assunto precisa ser feita, pois nem sempre estratégias

“promissoras” se mostram eficientes na prática (Beckett, 1997; Buonviri, 2015, 2019; Paney, 2016).

Propósitos deste estudo

Este estudo investigou duas estratégias que podem ser usadas no contexto do ensino de ditado melódico: a composição e a execução. A pergunta que se colocou foi: a composição e a execução musical, praticadas antes de ditados melódicos, podem favorecer a realização destes? Nossa hipótese é que a execução e a composição podem ser benéficas, pois o estudante exercita conhecimentos teóricos e a sua escuta interna ao compor e executar. Mais especificamente, acreditamos que essas atividades poderão contribuir para o desenvolvimento do senso tonal dos participantes. De acordo com Karpinski (2000), a tonalidade é um aspecto musical que engloba em um todo significativo as notas musicais, fornecendo referências de tensão e de resolução, bem como de outras funções harmônicas que podem guiar o estudante na realização de um ditado. Para Rogers (2004), a consciência sobre os aspectos tonais da música é mais útil para o estudante que a habilidade de escrever “apenas notas”.

Este estudo tem como objetivos, portanto, investigar a influência da composição e da execução musical, realizadas anteriormente a um conjunto de ditados, sobre os resultados destes últimos; e discutir a abordagem dessas estratégias no ensino de Percepção Musical.

Experimento 1

Participantes

A investigação sobre a composição como estratégia associada à realização de ditados foi efetuada inicialmente junto a 33 participantes, contudo, oito deles foram excluídos do estudo por não possuírem experiência anterior com ditados melódicos, restando 25 participantes. Destes, 40% se declararam músicos profissionais, 40% universitários, 12% estudantes pré-universitários e 8%, músicos amadores. Suas idades variaram entre 17 e 54 anos (média = 32 anos), 56% se declararam do gênero masculino e 44%, do feminino. Todos os participantes foram informados sobre a natureza do estudo por meio de um termo de consentimento livre e esclarecido, e concordaram em participar da pesquisa.

Materiais e procedimentos

Devido à pandemia de COVID-19, o estudo ocorreu de forma virtual, com um delineamento quase-experimental e envolvendo a realização de um pré-teste e de um pós-teste, contendo cinco ditados melódicos cada. O pré e o pós-teste foram realizados por meio da plataforma Google Formulários, em formato de questões de múltipla. As melodias dos ditados foram gravadas em arquivo de áudio, com auxílio do software MuseScore 3, sendo precedidas pelo acorde de tônica da melodia e um compasso de contagem. A pulsação utilizada foi 90 BPM e cada ditado possuía aproximadamente oito segundos de duração. As gravações foram disponibilizadas junto de cinco alternativas de resposta, que

continham partituras da música ouvida. Destas, apenas uma era correta e quatro continham algum erro melódico.

Os dez ditados melódicos usados durante o experimento eram distintos entre si, possuíam dois compassos, compasso quaternário, tonalidades maiores e harmonias implícitas de tônica e dominante. Os ditados usados no pré e no pós-teste constituíam “pares” de melodias iguais em termos de graus de início e de término, intervalos e figuração rítmica, possuindo, portanto, um nível equivalente de dificuldade. O pré e o pós-teste foram apresentados em páginas distintas do formulário, e foram precedidos de orientações para que os participantes ouvissem as melodias quantas vezes quisessem, não devendo utilizar instrumentos para conferir sua resposta.

Entre a realização do pré e do pós-teste, os participantes foram convidados a realizar um exercício de composição, sendo encaminhados por meio de um link a um Doodle interativo do Google, que homenageia J. S. Bach. Ele oferece uma pauta com dois compassos em branco e permite ao usuário construir melodias que serão harmonizadas a quatro vozes por meio de inteligência artificial. Não foi solicitado que os participantes compartilhassem suas composições, orientando-se apenas que eles abrissem o Doodle, realizassem uma composição e retornassem ao formulário para conclusão da pesquisa. Após a finalização do pós-teste, os participantes puderam verificar seus acertos nos dez ditados. Cada ditado respondido corretamente recebeu 1 ponto.

O formulário de pesquisa foi enviado por e-mail a professores de diferentes universidades brasileiras, solicitando-se que o preenchessem e divulgassem em suas comunidades. Ele também foi compartilhado pelos pesquisadores em redes sociais (Facebook e WhatsApp). Foram recebidas respostas entre 8 e 29 de setembro de 2020.

Resultados e análise

A mediana e a média de pontuação dos participantes no pré-teste (mediana = 4; média = 3,52; desvio padrão = 1,66; intervalo de confiança de 95% para a média = 2,83 a 4,21) foram ligeiramente maiores que as do pós-teste (mediana = 3; média = 3,12; desvio padrão = 1,59; intervalo de confiança de 95% para a média = 2,46 a 3,78). Um teste de Wilcoxon, entretanto, demonstrou que os resultados do pré e do pós-teste não possuem diferença significativa ($Z = -1,85$; valor- $p = 0,06$). Logo, o exercício de composição parecer não ter influenciado no desempenho dos participantes no pós-teste.

Experimento 2

Participantes

Com relação ao experimento que investigou a execução enquanto estratégia associada à resolução de ditados, foram recebidos 55 participantes, contudo 11 foram excluídos do estudo por não possuírem experiência com ditados melódicos, restando 44 sujeitos. Dentre estes, 57% eram universitários, 34% eram músicos profissionais, 7% eram estudantes pré-universitários e 2% eram músicos amadores. As idades variaram entre 15 e 58 anos (média = 30

anos), e 61% dos participantes declararam gênero masculino, 29% feminino e 10% não especificaram. Todos os participantes foram informados sobre a natureza do estudo por meio de um termo de consentimento livre e esclarecido, e concordaram em participar da pesquisa.

Materiais e procedimentos

O experimento envolvendo a execução musical também utilizou o método quase-experimental, com um pré e um pós-teste realizados de forma online, seguindo os mesmos formatos e recursos descritos no primeiro experimento. Foram criados dez novos ditados melódicos, escritos em compasso quaternário, com dois compassos de tamanho, na tonalidade de Sol Maior (tonalidade da melodia executada pelos participantes na segunda parte do experimento). Os ditados do pré e do pós-teste também constituíam “pares” equivalentes em termos de dificuldade.

Entre a realização do pré e do pós-teste, os participantes foram convidados a realizar um exercício de execução musical, sendo encaminhados por meio de um link a um Doodle interativo do Google que homenageia Clara Rockmore e simula um teremim. Esse Doodle oferece uma interface parecida com um teclado, em que o usuário pode arrastar o mouse por cima das teclas para fazer soar as notas. Por padrão, ao abrir o Doodle o usuário deve realizar uma sequência de notas pré-estabelecida, que funciona como um tutorial para aprender a utilizar o instrumento. Essa sequência de notas também é uma melodia, por isso optamos por usar essa parte do aplicativo como exercício de execução melódica. Orientou-se que os participantes visitassem o Doodle, passassem pelo tutorial e retornassem ao formulário para a conclusão da pesquisa.

A pontuação dos ditados foi feita do mesmo modo que no experimento anterior, e os participantes também puderam conferir seus acertos ao final. A pesquisa foi distribuída utilizando-se os mesmos recursos anteriormente informados e as respostas foram recebidas entre 26 de setembro e 19 de outubro de 2020.

Resultados e análise

A mediana e a média de pontuação dos participantes no pós-teste (mediana = 4; média = 3,52; desvio padrão = 1,66; intervalo de confiança de 95% para a média = 3,02 a 4,03) foram ligeiramente maiores que as do pré-teste (mediana = 3,5; média = 3,36; desvio padrão = 1,78; intervalo de confiança de 95% para a média = 2,82 a 3,90). Um teste de Wilcoxon, entretanto, demonstrou que os resultados do pré e do pós-teste não possuem diferença significativa ($Z = -1,16$; valor- $p = 0,25$). Logo, o exercício de execução musical parecer não ter influenciado no desempenho dos participantes na última seção de ditados.

Discussão Geral

O propósito deste trabalho foi investigar se as estratégias de compor e de executar música poderiam favorecer a realização de ditados melódicos. Nos dois experimentos aqui apresentados não foram observadas diferenças no desempenho dos participantes. Contudo, cabem ressalvas sobre a forma como as estratégias no foco desta pesquisa foram abordadas.

A respeito especificamente da composição, observou-se que ela não contribuiu para um melhor desempenho dos participantes em ditados melódicos, mas também não os atrapalhou ou distraiu da tarefa principal da pesquisa. Essa ausência de interferência pode ser justificada porque o exercício de composição proposto não possuía diretrizes musicais fechadas (relacionadas a tonalidades, figurações melódicas, etc.), portanto não houve como garantir que ele trabalhasse efetivamente a percepção tonal dos usuários em aspectos que estavam sendo explorados nos ditados do experimento. Logo, não foi possível confirmarmos a hipótese de que um exercício de composição poderia “aquecer” a percepção auditiva dos participantes, embora pareça plausível supormos que esse tipo de atividade também não os confundiu ou distraiu, não parecendo se interpor negativamente na prática de ditados melódicos.

Por fim, a estratégia de execução associada ao ditado apresenta resultados muito semelhantes aos anteriormente descritos, já que a execução melódica não teve influências positivas ou negativas sobre o desempenho dos participantes. Contudo, este experimento (assim como o anterior) não foi feito de forma ideal, valendo-se de um Doodle que simula de forma muito limitada uma atividade de execução musical. A realização de ditados em formato de múltipla escolha, adotada em virtude da necessidade de adaptação do experimento para o momento de isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19, também impôs aos participantes um modo pouco convencional e restrito de realização desse tipo de atividade. Para além desses fatores, os dois experimentos aqui apresentados foram realizados com uma amostragem muito pequena, o que nos impele a considerar com ressalvas as análises estatísticas aqui apresentadas. Amostras maiores poderiam apontar para diferenças de desempenho mais significativas nas duas condições aqui estudadas.

Estudos futuros

Estudos futuros investigando a efetividade da composição para favorecer a realização de ditados melódicos poderiam definir “critérios” para essa atividade, como delimitar uma tonalidade, graus de início e de término, quantidade de saltos ou de graus conjuntos, tipos de contorno melódico, etc. Assim, o participante encontraria maiores desafios no exercício, mas este também se relacionaria de forma mais direta com os ditados do experimento.

De maneira similar, estudos que pretendam investigar a execução melódica como facilitadora na realização de ditados poderiam construir melodias mais elaboradas, para serem tocadas, sugerindo reflexões sobre elas como: é possível identificar frases? Em que graus elas terminam? Como é o contorno melódico? Questionamentos como esses poderiam deixar o estudante

mais alerta para a observação desses aspectos durante a realização de ditados melódicos posteriores.

Considerações finais

A pesquisa sobre estratégias que ajudem professores e estudantes de Percepção Musical a realizar ditados melódicos com maior sucesso nos parece válida, principalmente pela presença de discussões recorrentes sobre este tópico entre esses sujeitos. Acreditamos que os experimentos apresentados aqui podem servir como ponto de partida para a investigação de outras estratégias, em contexto brasileiro, ou para que se repitam e aprimorem as investigações aqui apresentadas.

Contudo, as estratégias aqui investigadas devem ser entendidas não como simples “fórmulas para o sucesso” em ditados melódicos, mas como ferramentas pedagógicas que podem ser usadas ao longo das aulas de Percepção Musical, visando a formação auditivo-musical dos estudantes. O fato de não termos observado efeitos robustos das estratégias aqui trazidas não nos parece invalidar a ação pedagógica daqueles professores que buscam um ensino de Percepção Musical integrado às vivências musicais que os estudantes constroem em seu cotidiano e à música enquanto objeto complexo, conforme defendido por autores como Bernardes (2001), Covington e Lord (1994), Karpinski (2000) e Rogers (2004). Acreditamos que a composição e a execução melódica podem ser exploradas de forma sistemática dentro das aulas de Percepção Musical, em vez de pontualmente como “receita para o sucesso” em ditado. Dessa forma, essas estratégias estariam sendo “integradas” à educação e ao aprendizado musicais, construindo conexões entre diferentes aspectos teóricos e práticos, como recomendado pelos autores mencionados. Quem sabe no futuro, com a restituição das classes presenciais de Percepção Musical, educadores e estudantes possam experimentar de forma mais consistente as estratégias aqui apresentadas, fornecendo dados mais conclusivos para pesquisadores dedicados ao assunto do ditado musical.

Agradecimentos. Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pelo apoio para a realização desta pesquisa, e também aos participantes dos dois experimentos aqui apresentados.

Referências

- Beckett, C. A. (1997). Directing student attention during two-part dictation. *Journal of Research in Music Education*, 45(4), 613–625. <https://doi.org/10.2307/3345426>
- Bernardes, V. (2001). A percepção musical sob a ótica da linguagem. *Revista da ABEM*, 9(6), 73-85. <http://www.abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/444/371>
- Buonviri, N. O. (2014). An exploration of undergraduate music majors' melodic dictation strategies. *Update: Applications of research in music education*, 33(1), 21–30. <https://doi.org/10.1177/8755123314521036>
- Buonviri, N. O. (2015). Effects of a preparatory singing pattern on melodic dictation success. *Journal of Research in Music Education*, 63(1), 102–113. <https://doi.org/10.1177/0022429415570754>
- Buonviri, N. O. (2017). Effects of two listening strategies for melodic dictation. *Journal of Research in Music Education*, 65(3), 347–359. <https://doi.org/10.1177/0022429417728925>
- Buonviri, N. O. (2019). Effects of silence, sound, and singing on melodic dictation accuracy. *Journal of Research in Music Education*, 66(4), 365–374. <https://doi.org/10.1177/0022429418801333>
- Caregnato, C. (2016). *O desenvolvimento da competência de notar músicas ouvidas: Um estudo fundamentado na teoria de Piaget visando à construção de contribuições à atividade docente* (Tese de doutorado). UNICAMP. <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/304769>
- Covington, K., & Lord, C. (1994). Epistemology and procedure in aural training: In search of a unification of music cognitive theory with its applications. *Music Theory Spectrum*, 16(2), 159-170. <https://doi.org/10.2307/746031>
- Karpinski, G. S. (2000). *Aural skills acquisition: The development of listening, reading, and performing skills in college-level musicians*. Oxford University Press.
- Paney, A. S. (2016). The effect of directing attention on melodic dictation testing. *Psychology of Music*, 44(1), 15–24. <https://doi.org/10.1177/0305735614547409>
- Paney, A. S., & Buonviri, N. O. (2014). Teaching melodic dictation in advanced placement music theory. *Journal of Research in Music Education*, 61(4), 396–414. <https://doi.org/10.1177/0022429413508411>
- Paney, A. S., & Buonviri, N. O. (2017). Developing melodic dictation pedagogy: A survey of college theory instructors. *Update: Applications of Research in Music Education*, 36(1), 51–58. <https://doi.org/10.1177/8755123316686815>
- Rogers, M. R. (2004). *Teaching approaches in music theory: An overview of pedagogical philosophies* (2nd ed.). Southern Illinois University Press.
- White, J. D. (2002). *Guidelines for college teaching of music theory* [2nd ed.]. The Scarecrow Press.